

Histórias do Sul da Índia para inspirar o Sertão Baiano

STORIES OF INDIA SOUTH FOR INSPIRE
THE SERTÃO BAIANO

Patrícia Honório de Freitas¹

RESUMO

Este ensaio apresenta algumas reflexões sobre a experiência de Residência Social na Green Foundation, em Bangalore, Índia. A Green Foundation promove iniciativas de organização comunitária com grupos desfavorecidos de agricultores pequenos (castas menores, tribos e dalits), especialmente as mulheres, nas regiões semi-áridas do sul da Índia, para a conservação da agrobiodiversidade e para a promoção de uma agricultura sustentável. Esta experiência apresentou uma possibilidade consistente de discussão de uma outra experiência: a Sertão Baiano, por meio do Instituto de Permacultura da Bahia. O foco na agricultura de subsistência é ponto de partida para aproximar culturalmente duas comunidades distintas por inúmeros fatores sociais, religiosos e morais.

Palavras-chave: Semi-árido Baiano, Permacultura, agricultura sustentável

ABSTRACT

This essay presents some reflections on the experience of Residência Social in the Green Foundation in Bangalore, India. The Green Foundation promotes community organization initiatives with disadvantaged groups of small farmers (lower castes, tribals and dalits), especially women, in semi-arid regions of southern India for the conservation of agrobiodiversity and to promote sustainable agriculture. This experience presents a consistent opportunity for discussion of another experiment: the backwoods of Bahia, through the Permaculture Institute of Bahia. The focus on subsistence agriculture is the starting point for approaching two culturally distinct communities by numerous social, religious and moral.

Keywords: Semi-arid region of Bahia, Permaculture, sustainable agriculture

¹ Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, especialista em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pela Universidade de São Paulo e Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social pela Universidade Federal da Bahia. Tem experiência em gestão, sistematização e avaliação de projetos socioambientais; educomunicação e mobilização social.

O PRINCÍPIO DA HISTÓRIA

A Residência Social foi uma experiência inovadora do mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social do Ciags (Centro Interdisciplinar de Gestão Social) da Universidade Federal da Bahia, que me proporcionou a oportunidade de resignificar o trabalho do projeto Policultura no Semi-Árido, que é o foco de meu projeto-dissertação.

A escolha do local foi uma combinação de oportunidade e adequação. Até novembro de 2008, passei meses em contato com uma instituição que trabalha com permacultura e desenvolvimento de práticas agrícolas sustentáveis em Cuba, com o apoio da coordenadora

da Residência Social. Diante das dificuldades burocráticas, que indicavam a possibilidade de minha residência não ser realizada até o prazo máximo estabelecido pelo curso, além das condições econômicas desfavoráveis naquele país e da inexistência de apoio financeiro, resolvi aceitar o convite de meu companheiro, que participaria de dois congressos na Índia e poderia levar-me como acompanhante, em fevereiro de 2009. Apenas três meses antes da data da viagem, parti para a pesquisa de documentos disponíveis na internet sobre a agricultura na Índia. O que determinei foi que minha residência social seria em uma organização não-governamental, pois este é o contexto em que desenvolveria minha dissertação-projeto. Seria, também, uma boa oportunidade para que eu pudesse conhecer o modelo de gestão da organização e aprender com a experiência deles para colaborar com o Instituto de Permacultura da Bahia, onde atuo desde 2004.

Visitei sites de órgãos da ONU, instituições internacionais financiadoras de desenvolvimento e do governo indiano. Descobri que há mais de 5 mil ONGs indianas voltadas para o desenvolvimento rural. O que é compreensível em um país com 1 bilhão de habitantes e 660 milhões vivendo da agricultura. Foquei minha pesquisa na região semi-árida, em organizações com abordagem ambientalista. Cheguei a algumas dezenas e aí parti para a pesquisa de sites. Também consultei parceiros holandeses do IPB que financiam projetos na Índia e, finalmente, enviei emails para as quatro organizações que mais me chamaram a atenção, seja pelas informações úteis disponibilizadas nos sites, seja pelas recomendações dos parceiros.

Nas mensagens eu me apresentava, explicava o motivo de meu contato e me disponibilizava para realizar trabalhos voluntários na instituição, além do trabalho da pesquisa. Obtive três retornos – dois positivos e um negativo para aquela data, mas aberto para outro mês (que eu não teria disponibilidade). Prossegui o contato com a Green Foundation, cuja diretora me respondeu rápida e positivamente: “I am very impressed to see your email. It would be worth if you could come for three months.” Após uma seqüência de mensagens eletrônicas, foi enviada a primeira carta oficial do Ciags, pela coordenadora da Residência Social.

Avalio que este processo de contato foi muito positivo, pois os profissionais que atuam em ONGs costumam ser mais informais e valorizam muito os contatos pessoais. Nunca me pediram um documento formal que comprovasse meu vínculo com a Universidade. Mas desde o início se interessaram pelo tipo de contribuição que eu poderia oferecer por meus

conhecimentos em permacultura. Outra lição aprendida: os indianos, em geral, têm muito interesse em aprender com os outros povos, são ávidos por novos conhecimentos e, por tal motivo, se abrem calorosamente para os estrangeiros. Me senti em casa e fui extremamente bem acolhida durante os trinta dias em que permaneci com eles, num total de 200 horas de entrevistas, relatórios, visitas a campo, participação em reuniões e eventos, realização de práticas e oficinas.

Foi uma das experiências mais ricas de minha vida, que gerou um belo fruto para todos nós: um projeto de intercâmbio virtual de conhecimentos entre agricultores do semi-árido baiano e do semi-árido indiano que está se iniciando em parceria do Instituto de Permacultura da Bahia com a Green Foundation e a Power, outra instituição que visitei junto com a equipe da Green. O projeto foi selecionado pelo programa Novos Brasis da fundação Oi Futuro, que o financiará durante 12 meses.



Fig. 1: Estado de Karnataka, na divisa com Tamil Nadu (ao Sul de Bangalore) e na região de Bijapur, Norte do Estado.
 Fonte: Mapsfindia.com

O ENCONTRO

“Se você veio para me ajudar, pode voltar pra casa, mas se você vê minha luta como parte de sua própria sobrevivência, então talvez a gente possa trabalhar juntos.”(NATIVA AUSTRALIANA). Esta frase, impressa em um dos livros publicados pela Green Foundation (GF), traz a resposta para a sinergia que percebi acontecer entre mim e toda a equipe da instituição.

Sabemos que estamos todos trabalhando pelos mesmos ideais, seja no Brasil ou na Índia.

Compreendemos que a luta pela conservação de sementes crioulas, pela valorização dos conhecimentos das populações tradicionais, pela recuperação e preservação do meio ambiente, tem por finalidade a garantia da vida de todos os seres e de Gaia, nossa casa comum. Por isto, integrei-me facilmente à equipe e às condições oferecidas para a minha residência social. Embora em idiomas diferentes, a realidade tinha significado e VALORES muito semelhantes para nós.

Contei com o apoio firme e atencioso da fundadora e presidente da Green, dra. Vanaja Ramprasad. E logo percebi muitas semelhanças entre a história da GF e a história do Instituto de Permacultura da Bahia, fundado por Marsha Hänzi em 1992. Ambas são instituições marcadas pelo feminino – foram lideradas por mulheres fortes, guerreiras, intelectuais, espiritualizadas e preocupadas com a cura da Terra. Conquistaram credibilidade junto ao público com o qual trabalham e no meio ambientalista, pelos resultados alcançados em seus projetos, pelo respeito ao saber e às culturas locais, pela coerência entre o discurso e a ação e pela correção no uso dos recursos financeiros.

Ao mesmo tempo, durante muitos anos sofreram com a ausência de uma estrutura financeira e administrativa eficiente e com a sobrecarga de trabalho devido à concentração de atividades e pequena alternância. No IPB, as mudanças neste sentido iniciaram há poucos anos. Na GF, iniciaram justamente quando cheguei para a minha residência social. No primeiro dia houve uma reunião de toda a equipe para avaliação, planejamento e comunicação da mudança de direção. Após anos à frente da organização, dra. Vanaja entregava o cargo de diretora para um experiente técnico, ex-consultor das Nações Unidas, sr. Raghu Pude acompanhar de perto a transição do poder dentro da organização ao longo de mais de um mês de contato com eles. Assim como em qualquer organização, num momento destes, houve ruídos, desequilíbrios e saída de profissionais. A alteração em uma cultura organizacional sustentada pelo extremo respeito à figura forte da gestora e líder de um momento para outro. Não houve dificuldades para estabelecermos juntos uma rotina de trabalho.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Menina, não!

Patriarcalismo, opressão, violência contra a mulher e excesso de trabalho. Esta é a realidade enfrentada pela maioria das mulheres na Índia, agravada principalmente na área rural da região sul, onde estão as comunidades mais tradicionais. E é um grande desafio para o trabalho de ongs como a Green Foundation. Na primeira aula de um curso sobre gênero organizada pela equipe técnica, aprendi um pouco sobre costumes e tradições que podem ser chocantes para as mulheres ocidentais, principalmente aquelas com maior nível de renda e educação.



Fig.2: Mr. Sarvesh em treinamento de gênero
 Fonte: Arquivo Próprio, 2008

O facilitador, Mr. Sarvesh, professor doutor da Universidade de Mysore, é especialista em estudos de gênero. Foram convidados 13 casais participantes de diversas ações da GF, oriundos de distintas comunidades. Das 13 mulheres, 9 eram iletradas e quatro tinham cursado no máximo 4 anos de escola. Dos 13 homens, 3 eram iletrados e 10 tinham cursado de 4 a 8 anos de escola. Um reflexo da realidade de exclusão social das mulheres. A explicação para isso: meninas não precisam ir à escola pois a função social da mulher é trabalhar na lavoura, cuidar dos animais, armazenar, beneficiar e processar os grãos, buscar água na fonte, cultivar e irrigar a horta, fazer a comida, lavar a roupa, limpar e manter a casa, manter sempre limpo e florido o altar da casa (quando forem hindus), cuidar do marido, do pai e dos filhos homens. Para estas tarefas, não se considera necessário estudar e sequer saber ler e escrever.

Mas a história não pára por aí. A violência física e psicológica do homem contra a mulher é extremamente comum. O assédio sexual é outra questão que não é considerada um problema, pois “faz parte da natureza do homem gostar de assediar as mulheres”. A maioria das mulheres casadas não tem permissão do marido para sair de casa, a não ser para ir para a roça da família trabalhar.

Depois que a menina menstrua, não pode mais participar de nenhuma brincadeira até o final da vida. Para casar uma filha, a família tem de pagar o dote para a família do marido. Caso não tenha dinheiro a filha permanecerá solteira, o que é um motivo de desgraça para ela e vergonha para a família. A mulher solteira tem ainda menos direitos e não é reconhecida socialmente. Caso decida trabalhar fora de casa, a mulher da área rural enfrentará sérios problemas. Na maioria das vezes, será expulsa de casa e dificilmente encontrará outro lugar para morar, pois será mal vista na comunidade.

A viúva jamais poderá se casar novamente, ainda que esta fatalidade aconteça quando ela for bem jovem. Neste caso, passará o resto da vida condenada a não usar jóias, flores no cabelo, maquiagem e roupas muito coloridas. Como este vestuário é valorizadíssimo na sociedade indiana, a mulher viúva é praticamente condenada à morte em vida. O homem viúvo, entretanto, pode se casar novamente. Os casamentos são combinados entre as famílias e é muito comum um homem com mais de trinta anos se casar com uma jovem adolescente de 13 ou até 12 anos. Diante de tantas dificuldades, ter uma filha não é sinônimo de alegria, para a maioria das famílias. Em consequência, é muito alta a taxa de infanticídio de meninas recém-nascidas. Há estados na Índia onde a média é de 825 mulheres para cada 1000 homens. Com o uso do ultra-som, aumentou muito o número de abortos quando o casal fica sabendo que terá uma menina.

A HISTÓRIA DE SHANTAMA

Shantama ficou órfã de mãe bem cedo, aos quatro anos de idade. Seu pai a criou, até os doze, quando lhe arranhou um marido 18 anos mais velho. O mesmo destino teve as duas irmãs mais novas de Shantama. Seu marido é dono de uma pequena lojinha que fica na frente da casa, onde ele vende biscoitos, salgadinhos, balas, legumes e chá e café quentes, preparados por Shantama. Passei quatro dias em sua casa, para realizarmos uma prática da permacultura chamada círculo de bananeiras. Não conseguimos concluir o trabalho, pois ela não conseguiu ter algumas horas livres disponíveis para isso. Por outro lado, acompanhei sua rotina de perto: Shantama era sempre a última a dormir, por volta da meia-noite, depois de fazer o jantar do marido (os indianos jantam sempre por volta das 21h ou até mais), arrumar a cozinha, arrumar todas as “camas” – as famílias de agricultores raramente têm camas; dormem sobre esteiras, no chão do maior cômodo da casa, que serve de sala, quarto, depósito de grãos e o que mais for necessário. Por isso, todas as noites as esteiras e cobertores têm de ser colocados e, na manhã seguinte, são enrolados e guardados em um canto. Às quatro da manhã já estava de pé, para tirar leite da vaca, levar 3 litros para vender no entreposto (onde sempre é preciso esperar na fila), depois preparar o café e o chá (com parte do litro de leite que restou) que o marido vende a partir das 5h30 na lojinha. Em seguida, despachava alguns quilos de mamona ou de algum cereal para venda na cidade, voltava para arrumar a sala, acordar os filhos, prepará-los para a escola e, com o dia claro, dar início às tarefas diárias – enfeixar o feno,

alimentar a vaquinha e o bezerro que criam no fundo do quintal, fazer o café da manhã do marido, cuidar da horta, atender os vizinhos agricultores que estão interessados em pegar ou devolver sementes no banco comunitário do qual ela é a guardiã, buscar água na fonte, lavar a louça, lavar roupa, fazer almoço, limpar a casa, carregar na cabeça os cerca de 30 kg de grãos colhidos para secar no terreiro comunitário, que fica a um quilômetro da casa. De repente, o dia havia terminado e ela, sempre sorridente, tomava um banho, se perfumava, vestia um lindo sári e ir para a cozinha preparar o jantar do marido.

E não se cansava de dizer que estava muito mais feliz depois de participar das ações promovidas pela Green Foundation na comunidade. Inteligente, apesar de nunca ter ido à escola, rapidamente ela aprendeu a fazer contas para calcular quantos quilos de sementes cada agricultor deveria devolver para o banco de sementes, após a colheita. Também se interessou pelas diversas práticas ecológicas ensinadas pela equipe técnica da GF e faz de tudo: compostagem para ter adubo orgânico, minhocultura, sementeira, horta, produção de ervas, produção de algas para enriquecer a alimentação do gado, etc. Mas o que mais a estimula é participar das reuniões do grupo da Federação dos Agricultores Orgânicos, do qual participa após ter sido eleita representante de sua comunidade.



Fig.3: Amarrando feixes de feno, com o marido
 Fonte: Arquivo Próprio, 2008.



Fig. 4: Na sementeira de sua horta
Fonte: Arquivo Próprio, 2008.



Fig.5:Cuidando do bezerro
Fonte: Arquivo Próprio, 2008.



Fig.6:Cozinhando para a família
Fonte: Arquivo Próprio, 2008.

Desde então, sua vida mudou radicalmente, ela conta:

Antes eu não podia sair de casa sem autorização do meu marido, eu não sabia conversar com as pessoas, vivia trancada em casa e era muito triste. No início, logo que começaram as reuniões do VDC [sigla em inglês para comitê de desenvolvimento da comunidade] se tínhamos de chegar tarde em casa porque estávamos trabalhando, tínhamos de ter a permissão dos maridos, dar muitas explicações. Agora temos mais abertura, nos sentimos mais livres e alegres. Agora temos condições de dizer aos nossos maridos que também precisamos de liberdade, assim como eles.” (Shantama)

PRÁTICAS TRADICIONAIS

O sul da Índia se caracteriza pela diversidade na culinária, que é predominantemente vegetariana, e tem fama de ter os melhores sabores e pratos do país. Uma das coisas que aprendi com as pessoas do campo foi a utilizar diferentes utensílios para a cozinha, que exigem muita habilidade e prática e vêm passando de geração em geração há centenas ou mesmo milhares de anos. Para aproveitar ao máximo os três ou quatro litros que cada vaca produz diariamente, as mulheres acordam as 4 e meia da manhã para tirar o leite, deixar um litro em casa e levar o resto para o entreposto que existe em cada vilarejo. Ali o leite é analisado para verificar se não houve adição de água. Se alguém for flagrado adulterando o produto, perderá a venda e a credibilidade de todos os vizinhos. O que não é pouco, nesta região. Com o litro que sobra para a família, em geral as mulheres produzem manteiga, iogurte e aproveitam o soro para fazer uma bebida muito apreciada, temperada com cebola, coentro, um pouquinho de sal e a pimenta, que não pode faltar em quase nenhum prato da culinária indiana.



Fig.7: Sem título
Fonte: Arquivo Próprio

As cozinhas na área rural sempre têm um fogão a lenha construído no chão. Habilmente, as mulheres manejam espetos de madeira, paus e panelas. Em uma das casas onde fiquei hospedada, tentei aprender com elas.

CONCLUSÃO E TROCA DE CONHECIMENTOS

No norte do estado de Karnataka, região de Bijapur, tive a oportunidade de visitar projetos de desenvolvimento comunitário, conversar com as comunidades envolvidas e apresentar um pouco da experiência brasileira do Instituto de Permacultura da Bahia com a recuperação de áreas degradadas e o cultivo de alimentos no semi-árido. Um dos frutos desta troca de conhecimentos com os técnicos da ong Power foi a implementação de três experimentos de campos de policultura (dois em propriedades de agricultores interessados e um no centro de pesquisa e experimentação da Power) a partir dos princípios do projeto Policultura no SemiÁrido.



Fig.7: Entrevista com agricultoras em dia de campo (comunidade rural do município de Bijapur).
Fonte: Arquivo Próprio



Fig.8: Apresentação de vídeo do projeto Policultura no Semi-Árido em propriedade de agricultores familiares
Fonte: Arquivo Próprio, 2008



Fig.9: Visita técnica a propriedade no semi-árido).
Fonte: Arquivo Próprio, 2008

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.G. *A Construção de sistemas agroflorestais a partir do saber ecológico local: O caso dos agricultores familiares que trabalham com*

Agrofloresta em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ALTIERI, M.A. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989.

ANDRADE, M.C. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 6. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. *Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2006.

FEIDEN, A. Agroecologia: Introdução e conceitos. In: AQUINO, Adriana M.; ASSIS, Renato L. (ed.). *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília: Embrapa, 2005.

GREEN FOUNDATION WEBSITE: <http://www.greenconserve.com/>

PROGRAMA DE AÇÃO NACIONAL DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO E MITIGAÇÃO DOS EFEITOS DA SECA (PAN-Brasil). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.